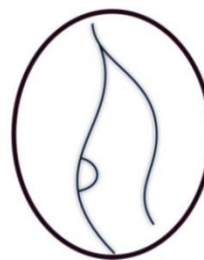




INTERFACE
ISSN 2448-2064



EDUCAÇÃO CRÍTICA A SERVIÇO DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A NECESSIDADE DA PERSPECTIVA FREIRIANA NA EDUCAÇÃO BÁSICA TRADICIONAL

CRITICAL EDUCATION IN THE SERVICE OF SOCIAL TRANSFORMATION: THE NEED FOR THE FREIRIAN PERSPECTIVE IN TRADITIONAL BASIC EDUCATION

Gabriel Batista Galvão
batista.gabriel@mail.uft.edu.br

Neila Nunes de Souza
neilasouza@uft.edu.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo, dialogar sobre a relação acerca das contribuições do afamado teórico, pedagogo brasileiro Paulo Freire para uma educação crítica a serviço da transformação social. A pesquisa foi desenvolvida a partir da leitura dos livros *Pedagogia do oprimido*; Freire(1974; 2001), *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*; Freire (2008; 2011) e o artigo: *Educação Numa Perspectiva Crítica: Pensar a docência revolucionária freiriana*; Souza, Ferraz e Souza (2020), publicado na revista *Universidade e Sociedade*. Para tal propósito trazemos indagações sobre o porquê de a criticidade ser um fator de suma importância quando se objetiva alcançar uma educação revolucionária nos moldes da metodologia freiriana, através do estudo destes referenciais teóricos buscamos responder estas indagações apontando o panorama atual da educação do ensino fundamental anos finais no Brasil sinalizando as práticas educacionais que contemplam essa educação crítica e também as que dificultam este processo de transformação social através da educação.

Palavras-chave: Educação Revolucionária, Prática Educacional, Educação Crítica.

Abstract

The aim of this work is to discuss the relationship between the contributions of the famous Brazilian pedagogue Paulo Freire to a critical education at the service of social transformation. The research was developed by reading the books *Pedagogy of the Oppressed*; Freire (1974; 2001), *The importance of the act of reading: in three articles that complete each other*; Freire (2008; 2011) and the article: *Education from a Critical Perspective: Thinking about Freirean revolutionary teaching*; Souza, Ferraz and Souza (2020), published in the journal *University and Society*. To this end, we raise questions about why criticality is a factor of paramount importance when aiming to achieve a revolutionary education along the lines of Freire's methodology. Through the study of these theoretical references, we seek to answer these questions by pointing out the current panorama of final-year elementary school education in Brazil, signaling the educational practices that contemplate this critical education and also those that hinder this process of social transformation through education.

Keywords: Revolutionary Education, Educational Practice, Critical Education.

Introdução

O presente artigo se propõe a reflexão em torno da temática “Educação crítica a serviço da transformação social: a necessidade da perspectiva freiriana na educação básica tradicional. O desenvolvimento dessa pesquisa se deu a partir da leitura dos livros *Pedagogia do oprimido*; Freire (1974;2001), *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*; Freire (2008; 2011) e o artigo: *Educação Numa Perspectiva Crítica: Pensar a docência revolucionária freiriana*; Souza, Ferraz e Souza (2020).

Assim podemos destacar que Paulo Freire apresenta reflexão de uma educação que contemple a todos. A educação na atual conjuntura tem sido vista como forma de manipulação para transformar as pessoas em capital humano e massa de manobra, ou seja, transformando o ato de ensinar em mercado, onde não são ofertadas oportunidades, anulando qualquer forma de progresso pelos educandos fomentando a exclusão do conhecimento.

Paulo Freire é um dos maiores pensadores brasileiros contemporâneos. O pensador é reconhecido no mundo inteiro, principalmente no campo da Educação enquanto inovador revolucionário da educação de adultos. Paulo Freire, pernambucano, nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921, no bairro de Casa Amarela. Ficou famoso no Brasil como autor do método Paulo Freire, o qual parte do estudo da realidade do educando e da organização do dado, que é a fala do educador.

Seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2001), apontado como um dos mais prestigiados, foi escrito ao longo do seu exílio, quando Freire residia no Chile em 1968, neste livro Paulo Freire apresenta suas primeiras escritas, e um referencial de análise da sociedade opressora, historicamente em construção, e do papel revolucionário do educador crítico na relação de comunhão com os alunos na práxis pedagógica. Ou seja, explora a relação entre professor, estudante, e sociedade e como o professor que segue a rixa os moldes de ensino tradicionalistas se põem no papel de opressor e coloca os alunos no lugar de oprimidos.

Em seu livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (2011), Paulo Freire partilha conosco todo o seu vasto conhecimento e experiência e nos dilucida que a leitura da palavra é precedida da leitura do mundo e ressalta a importância crítica da leitura na alfabetização, evidenciando o papel do educador na prática da leitura como meio de libertação.

Já o artigo “Educação numa perspectiva crítica: pensar a docência revolucionária freireana” escrito pelos autores Souza, Ferraz e Souza (2020), apresenta uma discussão acerca do exercício da docência revolucionária tendo como base Paulo Freire, teórico comprometido com a vida.

Nessa perspectiva, se faz necessário refletir sobre a educação como forma de liberdade, em uma sociedade oprimida pelo sistema capitalista. Freire apresenta uma nova concepção, de autonomia, acreditando na liberdade do educando frente as suas dificuldades. Resistindo a qualquer tipo de repressão e/ou retrocessos, considerando a educação como um ato social.

Para tal propósito trazemos indagações sobre o porquê de a criticidade ser um fator de suma importância quando se objetiva alcançar uma educação revolucionária nos moldes da metodologia freiriana.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo geral observar a relação acerca das contribuições do pedagogo brasileiro Paulo Freire para uma educação crítica a serviço da transformação social. Como objetivos específicos, busca-se compreender a metodologia de ensino freiriana; apresentar as principais contribuições de Paulo Freire na educação crítica e avaliar a educação a serviço da transformação social.

Assim, a condução desta pesquisa foi alicerçada pela pesquisa bibliográfica por ser “[...] aquela que se realiza a partir do registro, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, dissertação e tese (SEVERINO, 2007, p.122), cuja análise foi realizada em obras reconhecidas do autor Paulo Freire, como: *Pedagogia do Oprimido*, A

importância do ato de ler e o artigo Educação numa perspectiva crítica: pensar a docência revolucionária freireana dos autores: Souza, Ferraz e Souza (2020).

Contribuições de Paulo Freire sobre: Educação, Liberdade e Autonomia.

Educação na perspectiva de Paulo Freire

52

Partindo do princípio de que a educação, na perspectiva freireana é mais do que ato de ensinar e aprender, é também, instrumento de humanização para a liberdade individual e transformação social. Assim, como espaço de diálogo que compartilha saberes, valores e princípios que produzem conscientização.

A educação, a partir da concepção de Paulo Freire, a concebe como um processo permanente no qual se está educando, continuamente, e que ela, antes de tudo, é ato de amor. É instrumento de libertação, é ato político, de coragem e de compromisso com o outro. E, por estar alicerçada no diálogo, conduz os homens para educarem-se entre si, uma vez que não existe quem sabe e quem não sabe; sabedores e ignorantes, mas existe saberes diferentes.

Paulo Freire, conforme Vasconcelos (2010, p. 83) menciona que:

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. Não é fugir à discussão criadora sob pena de ser uma farsa. [...] A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos.

A proposta pedagógica de Paulo Freire promove o desenvolvimento da aprendizagem da leitura respeitando as especificidades do universo dos educandos. O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (FREIRE, 1994, p.11).

Diante desse contexto, observa-se que Paulo Freire atribui à educação através da concepção dialética da mesma. As pessoas por meio do debate e da relação com o outro, constroem novos saberes; um conhecimento novo, a partir do contexto em que está inserido. A reflexão educativa provoca, não através de um saber “pronto”, “dado”, “acabado” ou “transmitido” por alguém que “sabe” a alguém que “não sabe”, pois há aqui a relativização da ignorância e do saber. Uma vez que a educação parte da própria ignorância e dos diferentes saberes, para se desdobrar e se constituir em um novo saber (FREIRE, 2011, p. 35).

Paulo Freire (2001) salienta que quando se trata de pensar a educação, é preciso perceber os processos educativos, os quais perpassam, primeiramente, pela necessidade de pensar a produção de conhecimento como um conjunto de ideias que estuda a melhor observação e compreensão.

Portanto, neste processo há de se considerar, também, que o ato de ensinar e aprender a construir novos saberes a partir dos diferentes saberes existentes, envolve a necessária percepção de que o ato de educar perpassa por expressões e sentimentos não apenas intelectuais, mas por aqueles que envolvem o “conhecer pela via do corpo”, “pela mão que pensa”, por “saber o que se está fazendo” e pela cultura das pessoas.

A educação, em Paulo Freire, é diálogo, comunicação, mudança, é ato eminentemente político. Observe-se que a educação tem a ver com liberdade e com mudança. Paulo Freire afirma que a educação, mesmo diante das contradições humanas, pode provocar mudanças. Porque o homem é um ser de relações e a educação não é simples adaptação. É cultura: criação e recriação. “A cultura consiste em recriar e não em repetir” (FREIRE, 2011, p. 38).

Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inconclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos (FREIRE, 2011, p. 41).

No entanto, observa-se que Paulo Freire ressalta que a educação está relacionada à condição da inconclusão humana, uma vez que o homem por saber-se inconcluso, busca ser mais.

Desse modo, a educação é o principal alicerce da vida social. Uma vez que ela transmite e amplia a cultura, estende a cidadania, constrói saberes para o trabalho. No momento em que falamos em educação, estamos nos direcionando ao público menos favorecido, ou seja, educação popular. Usando a concepção de Paulo Freire, compreende uma comunidade própria do contexto “popular” que por assim dizer será chamada de oprimido, aquele que vive sem as condições elementares para o exercício de sua cidadania e que está fora da posse e uso dos bens materiais produzidos pelo sistema econômico atual.

Portanto, é de grande relevância conhecer o contexto social dos educandos, visto que a pedagogia freireana é um processo de construção, levando o aluno à curiosidade e liberdade.

Segundo Freire (1996, p.13) “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”. Sendo assim, não é possível considerar o ato de transmitir conhecimentos, desconsiderando o ato da construção pelo discente.

Essa metodologia de Paulo Freire (2008) busca reconhecer a importância do ato de ler a partir do cotidiano de cada um. Neste sentido, Freire salienta que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Assim, propõe alfabetizar com proximidade cultural, ou seja, alfabetizar a partir do cotidiano vivenciado pelo sujeito. O universo cotidiano é preenchido de sentidos e significados para iniciar a leitura do mundo com o intuito de estimular a reflexão sobre o protagonismo necessário para se criar a própria história.

Nesse contexto, Paulo Freire (2008) enuncia que a educação é compreendida como instrumento a serviço da democratização, contribuindo para as vivências comunitárias dos grupos sociais, baseadas no diálogo, estimulando a formação de pessoas participantes de suas comunidades.

Diante dessa perspectiva, Freire (2011) argumenta que o educando é participante ativo em todo o processo de aquisição do conhecimento, pois compreende a educação como um processo de transformação social. Concebe o homem não como mero reservatório, depósito de conteúdo, mas como sujeito construtor da própria história. Ainda nesse sentido, Paulo Freire entende que o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (FREIRE, 1996).

Segundo Paulo Freire a transformação social passa pelo desenvolvimento do pensamento crítico e superação do pensamento ingênuo. A conscientização envolve ter consciência de classe social e perceber as relações de exploração e opressão (FREIRE, 2011).

Freire (1996) menciona que a prática educacional é todos os “fazer” profissionais que primam por uma formação humana que educa para a solidariedade, para a liberdade e para a autonomia. Além disso, preza pela valorização do ser, percebendo que o jeito humano de viver é “ser mais”, pelo respeito aos diferentes saberes e que ensina a “pensar certo” (p.30), fazendo com que o sujeito não se sinta apenas no mundo, mas parte do mundo. O autor sustenta que a prática educativa exige “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Freire explica que a educação é um processo de ensino-aprendizagem que ocorre no espaço da sala de aula. O autor ainda destaca que a educação é um ato político, ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho; os homens educam-se entre si”, por sua vez, a escola é um espaço em que se faz política, que por sua vez, deixam em evidência as diferentes formas de

educar-se, e, por consequência a existência de diferentes e muitos educadores, para além da ideia de que os professores são eminentes educadores (FREIRE, 1996). Assim, passemos ao próximo item, dialogando sobre a importância do ato de ler.

A importância do Ato de Ler: reflexões teórico metodológicos em Paulo Freire

A proposta pedagógica de Paulo Freire (1989) promove o desenvolvimento da aprendizagem da leitura respeitando as especificidades do universo dos educandos. O método proposto enaltece a importância do ato de ler e debate a educação na perspectiva da emancipação.

O autor parte do princípio de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Na educação, um dos problemas para o cidadão hoje é a dificuldade de praticar a leitura, a escrita e a prática.

Portanto, Paulo Freire (2011) faz uma abordagem sobre a “importância do ato de ler” e mostra a importância da recuperação da humanidade do oprimido. Sua causa é a dignidade da pessoa humana, que na opressão ou na libertação, atinge uma dimensão de universalidade.

Paulo Freire explica a importância da leitura compartilhando experiências no processo de escrita e leitura de discursos. “Este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 2008, p. 11).

Aprender a ler, escrever, alfabetizar-se, é antes de tudo aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mais numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Diante desse contexto, Paulo Freire discorre sobre a importância do ato de ler na perspectiva da compreensão crítica. Para Freire o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 2008).

O ato de ler, na experiência existencial, vem primeiramente como a “leitura” do mundo, depois a leitura da palavra. O primeiro mundo se dá na infância, e é o mundo das atividades perspectivas, das primeiras leituras. Os textos, as palavras, as letras daquele contexto, em cuja percepção é experimentada e, quanto mais o fazia, mais aumenta a capacidade de perceber. Aumenta com as relações entre os irmãos mais velhos e pais. Do contexto do mundo imediato, faz parte também o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as crenças, gostos, gestos, receios e valores. Tudo isso contextos mais amplos do que o mundo imediato possa compreender, vividas em momentos em que ainda não se lê a palavra (FREIRE, 2011).

Ainda nesse mesmo contexto, Freire (2008), discorre que escrever é um ato indispensável na simplificação de um conjunto de ideias cheias de significados, passando de pessoa para pessoa e sem restrições de linguagem escrita. No entanto, essa é uma variedade de trocas, que possui uma ação.

Paulo Freire menciona que não é possível pensar, a educação, sem relacioná-la coma questão do poder. Desse modo, observa-se que o educador não é um agente neutro, ou seja, o educador não deve ser manipulador. A opção realmente libertadora nem se realiza através de uma prática manipuladora, nem tampouco por meio de uma prática espontaneista. O espontaneísmo é licencioso, por isso, irresponsável. O que deve ser feito pelos educadores é aclarar, assumindo a opção política e ser coerente a ela, na prática (FREIRE, 2008).

Segundo Paulo Freire (2011) os educadores precisam saber ouvir os alunos, escutá-los correspondente ao direito de falar. Não é aceitável de forma alguma impor a compreensão em nome da libertação, e é como aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade. É necessário que

assumam a ingenuidade dos educandos. A educação modela as almas e recriam os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais. O analfabeto, porque não a tem, e é um “homem perdido”, cego, quase fora da realidade. É preciso, pois, salvá-lo e sua salvação está em passividade receber a palavra.

O autor ainda salienta que o ato de estudar mostra que diante das circunstâncias diárias devemos procurar compreender o problema que tem que resolver, para em seguida, encontrar uma resposta precisa. Não se estuda somente na escola. Podemos estudar enquanto trabalhamos por exemplo. Estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema em seu primeiro ato (FREIRE, 2011).

No segundo ato Freire (2008) expõe que não importa onde o estudo seja feito no momento e no lugar do nosso trabalho ou em outro local. Em qualquer caso, o estudo exige sempre essa atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos.

Paulo Freire ressalta que estudar exige disciplina, é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem. O ato de estudar, de caráter social e não apenas individual se dá aí também, independentemente de estarem seus sujeitos conscientes disto ou não. O autor ainda enuncia que ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Estudar para servir o povo não é só um direito, mas também um dever revolucionário (FREIRE, 2011).

Ainda nesse mesmo entendimento, Freire (2008) menciona que existe uma prática que nos ensina. Não podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina. E que conhecemos muitas coisas por causa de nossa prática. Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Mesmo antes de aprender a ler e escrever palavras e frases estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Portanto são necessárias outras que ainda não conhecemos.

Paulo Freire (2011) ressalta que ensinar exige pesquisa e completa explanando “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (p. 32). O professor enquanto ensina tem que continuar buscando, re-procurando, o professor tem que indagar e se indagar.

No entanto, o professor, assim como o aluno, também é munido pela curiosidade. Desse modo, o autor destaca que a curiosidade é a mola propulsora do aprendizado e do ensino do educador, da construção e produção de conhecimentos (FREIRE, 2011).

Constatamos nos relatos de Paulo Freire (2011) que o professor tem que ser seguro, competente e generoso, atitudes estas que exigem esforço e moralidade “Educar é substantivamente formar” (p. 37). O autor ainda menciona que antes de ser professor, este tem que ser um educador e para isso tem que agir de forma digna dos seus conceitos e interesses, pois não pode esquecer que são formadores de opinião; o exemplo tem que partir deste. Ou seja, o educador não deve falar “de cima para baixo”, achar que é o dono da verdade. Um educador não deve falar para os educandos, e sim com os educandos, isso só é possível quando o educador sabe escutar (FREIRE, 2011).

Dessa forma, concluímos essa seção com a seguinte frase mencionada por Paulo Freire que a educação é troca de saberes, de produção, de cultura e acontece em todas as relações sociais. Neste sentido, Freire (2008) salienta que entre o educador e o educando há a vida dos dois em movimento. O ato político que envolve a educação fica por conta de sua capacidade de provocar reflexões e rupturas em relação à compreensão de todos os processos sociais. Continuamos na próxima seção dando ênfase a obra *Pedagogia do Oprimido*.

Considerações acerca da obra *Pedagogia do Oprimido*

A obra *Pedagogia do Oprimido*, foi escrita em 1968 relativamente produtiva à *Pedagogia Crítica*, foi escrito no Chile entre 1967 e 1968 e foi publicada pela primeira vez em língua inglesa em 1970, em Nova York, pelo educador brasileiro Paulo Freire, permanecendo, meio século depois, como uma poderosa fonte para a crítica às concepções tecnicistas e instrumentais de educação, formação e aprendizagem (FREIRE, 1967). Ao refletir sobre a referida obra o autor apresenta uma

proposta de criar uma nova pedagogia que tratasse do estreitamento da relação educador(a)-educando(a)-mundo, considerando a politicidade da educação.

Pedagogia do Oprimido é um livro que apresenta os feitos e efeitos da ditadura militar, que compreende o período de 1964 até 1985, que teve como marco o autoritarismo, o silenciamento, a dominação, a repressão e a tortura (física e psicológica).

Ao iniciar as considerações desse tópico do estudo, destacamos que o livro em análise foi escrito na modalidade de ensaio, dividido em quatro capítulos: a) Pedagogia do Oprimido: justificativa; b) Educação Bancária: instrumento de opressão; c) Dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade; d) A teoria da ação antidialógica. A obra foi lançada inicialmente em 1970 em Nova York, sendo publicada em Portugal em 1972 e no Brasil, devido a sua proibição, somente em 1974.

O autor destaca que a obra “Pedagogia do oprimido” é muito importante. O ensaio compreende o resultado das observações e reflexões, reunidas durante os cinco anos de exílio, acerca das atividades educativas que tivera a oportunidade de exercer no Brasil e na América Latina, incluindo o próprio Chile.

De fato, trata-se de uma pedagogia claramente formulada sob as bases da experiência concreta. Mais especificamente, ancorada na ação pedagógica construída junto a operários, camponeses e outros trabalhadores, o que já mostra a coerência entre a teoria contida na obra e a prática efetiva do autor; afinal, uma das principais teses do livro sustenta que a práxis, ou ‘quefazer’, deve ser entendida como unidade indissolúvel entre ação revolucionária e reflexão crítica, de modo a se superar tanto o intelectualismo estéril quanto o ativismo puro e simples (FREIRE, 2014).

Nesse tópico, apresentamos as contribuições da obra do teórico Paulo Freire “Pedagogia do Oprimido”, percorrendo os pontos principais do livro no que se refere principalmente aos aspectos que compõem a sua pedagogia da revolução. “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, como eles lutam” (FREIRE, 2014).

De acordo com Paulo Freire (2014) a educação é um processo permanente de humanização e libertação dos seres humanos. No entanto, a pedagogia proposta pelo autor foi uma pedagogia do oprimido e não uma pedagogia para o oprimido. A ideia central deste livro é a de que se, por um lado, os oprimidos hospedam em si o opressor, por outro lado, será através dos contributos do processo de conscientização que se poderá vir a libertar do opressor e, simultaneamente, libertar o opressor da sua condição. Esse processo exige, e ao mesmo tempo contém uma pedagogia:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1975, p.57).

Freire não se reprime, contudo, à denúncia da opressão e da reprodução das injustiças. Ele aponta alternativas e um mundo de possibilidades de transformação e anuncia, através de palavras e de atos, a força do sonho e da utopia.

Os homens e as mulheres somos seres históricos precisamente porque mais, muito mais do que simplesmente ao mundo nos adaptamos, nos tornamos capazes, na própria história, de fazê-la e, assim, nos refazermos. E não é possível fazer história e nela nos refazermos sem sonho e sem utopia. Sem sonho e sem utopia o que uma geração chegada ao mundo teria a fazer seria simplesmente se ajustar ao que encontrasse feito pela anterior (FREIRE, 1975, p.58).

Freire apresenta uma alternativa às concepções a que chama humanitaristas, paternalistas e assistencialistas, recusando adotar uma perspectiva de salvação dos oprimidos e, por alongamento, dos desqualificados, dos baixamente escolarizados, dos pouco competentes. Como menciona Freire, (1975: p.72), “Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio”.

A educação é entendida enquanto projeto de humanização e de transformação, justificada por Paulo Freire nos seguintes termos:

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude (FREIRE, 1993: p.20).

O autor ainda esclarece que os seres humanos não são apenas seres inacabados, mas são, também, os únicos que têm consciência do seu próprio inacabamento:

Isto significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente da sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo. Um ser que, tendo por vocação a humanização, se confronta, no entanto, com o incessante desafio da desumanização, como distorção daquela vocação. (FREIRE, 1993: p.18).

Paulo Freire situa-se entre aqueles que veem o sujeito histórico não como uma essência fixada em determinada classe ou grupo social, mas como emergência na história a partir de condições de possibilidade que existem no oprimido. Este sujeito do ato de libertação é portador de virtudes como autonomia, dialogicidade, humildade, esperança e fé no ser humano. O sujeito forma-se à medida que o “ser para o outro” surge como um “ser para si”. Essa libertação implica, para Freire (2001, p. 70), também sempre o processo de transformação da estrutura que oprime.

A pedagogia do oprimido é o conjunto de práticas educacionais realizadas neste processo de transformação da estrutura que oprime. Segundo Paulo Freire (2001, p.59) a revolução tem “um caráter eminentemente pedagógico”. Estão equivocados os líderes que para convencer as massas da necessidade das mudanças usam isso como métodos que servem para a educação do opressor.

A despeito disso, entende-se que a pedagogia não está aí, pronta, apenas para ser descoberta. Ela terá de ser criada na práxis, entre educador e educando, na perspectiva do oprimido, por ele mesmo e por aqueles que veem na luta do oprimido a possibilidade de transformação da sociedade (FREIRE, 2008).

Desta forma, Freire expressa que para transformar a sociedade pautada na relação entre opressor e oprimido, a educação problematizadora e dialógica é uma possibilidade de superação da perspectiva de dominação do antidiálogo. Assim, ao realizar as considerações sobre a educação bancária e a sociedade pautada na relação opressor e oprimido, Freire faz sua afirmação do diálogo e da educação problematizadora.

Certamente, para a educação problematizadora efetivar-se, é necessário superar a educação bancária e, portanto, superar a relação opressora que existe entre o(a) professor(a) e os(as) estudantes. Nessa proposta educacional, os(as) estudantes têm o direito à fala que é valorizada e escutada por todos(as). Nesse sentido, a relação entre docentes e estudantes deve ser horizontal.

Assim, essa proposta apresentada por Paulo Freire na obra pedagogia do oprimido (2019), a educação vista como libertadora, uma vez que considera os(as) educandos(as) como pessoas capazes de expressarem-se, de aprenderem e de ensinarem, pois, todas as falas são consideradas e o conhecimento é debatido a partir de diferentes perspectivas. Dessa forma, a relação que se estabelece

entre educadores (as) e educandos(as) é libertadora, pois reconhece que todos(as) ensinam e aprendem por meio do diálogo.

Desse modo, a educação problematizadora torna-se uma forma de libertação da relação entre opressor e oprimido ao possibilitar que as pessoas se humanizem e busquem o Ser mais.

Outro aspecto importante apresentado por Paulo Freire (2019) a ser compreendido é o fato de que a educação problematizadora não se restringe à escola, mas permeia todas as relações no mundo e com o mundo. Nesse sentido, o diálogo e a educação levam à revolução, perspectiva presente em toda a obra.

Desta forma, Freire (2011) expressa, que para transformar a sociedade pautada na relação entre opressor e oprimido, a educação problematizadora e dialógica é uma possibilidade de superação da perspectiva de dominação do anti-diálogo.

Ainda nesse entendimento, percebe-se que o conceito sobre o diálogo é abordado por meio de dois aspectos diferentes: aspectos relacionados com as condições de existência do diálogo e aspectos ligados a elementos que são decorrentes do diálogo.

Nesse sentido, é interessante considerar a análise do artigo “*Educação numa perspectiva crítica: pensar à docência revolucionária freireana*” (SOUZA, FERRAZ e SOUZA, 2020). Nesse artigo os autores realizam uma reflexão acerca do exercício da docência revolucionária, baseados nas seguintes obras: *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *a Pedagogia da Autonomia* (2002) tendo como base Paulo Freire, teórico compromissado com a vida.

A despeito disso, entende-se que a obra *Pedagogia do oprimido* retrata o percurso histórico, demonstram-se aspectos teóricos, pessoais e políticos de Paulo Freire. Destacando ainda nessa mesma obra a presença de correntes teóricas divergentes, mas ao mesmo tempo, a construção articulada dessas diferentes filiações teóricas sem dicotimizá-las (SOUZA, FERRAZ e SOUZA, 2020).

Ainda nesse mesmo entendimento Souza, Ferraz e Souza (2020) corroboram quando ressaltam que o docente revolucionário é o que conduz sua prática com a verdade, com o respeito como condição para a libertação, que se dá pelo diálogo, e propõe a solidariedade e o companheirismo no ato de confundir-se com o ensinar e o aprender, posicionando-se contra toda e qualquer forma de opressão.

Nessa perspectiva, é interessante sintetizar a pedagogia do oprimido numa frase: aprender a dizer a sua palavra e escrever sua própria história (GADOTTI, 2018 apud SOUZA, FERRAZ e SOUZA, 2020). Neste caso, o confronto de ideias é necessário, pois a educação deve ser problematizadora, geradora de novos conhecimentos com base nos saberes cotidianos.

A pedagogia freireana provocadora do pensamento crítico comunica um ideal social no tratamento igualitário entre as pessoas, entre educadores e educandos. Propõe uma educação libertadora da condição opressiva material e subjetiva que busca o bem comum, a igualdade de oportunidade para todos e todas e, principalmente, a desmistificação da visão hierárquica, estática, ordenada e imutável da sociedade capitalista (SOUZA, FERRAZ e SOUZA, 2020).

Neste sentido, Freire (2001, p. 96), destaca que “a consciência crítica não se constitui através de um trabalho intelectualista, mas na práxis – ação e reflexão”. Ou seja, o autor destaca a práxis como atividade humana e social, que se ocupa do poder que o ser humano tem para produzir a unidade: teoria-prática; homem/mulher-mundo; sujeito-objeto; objetividade-subjetividade.

Revisitar Paulo Freire é sempre um alento e um conforto que nos impulsiona na busca da verdade, o questionamento sobre o humano, o papel social que desempenhamos nas nossas salas de aula e a promoção da autonomia, de seres humanos, dos que serão formados e que serão também formadores.

Assim, ser professora, ser professor pressupõe que existam discentes, que se estabeleça uma relação de ensino e aprendizagem, pois já aprendemos que “Não há docência sem discência [...]”.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”. (FREIRE, 2001).

Dessa forma, o processo de ensinar e aprender, educador e educandos “co-intencionados à realidade se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvendá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar o conhecimento” (FREIRE, 1987, p. 31).

Além de que não há possibilidade de desenvolver a consciência crítica sem diálogo, franco e aberto, pautado em princípios de exemplo e verdade. E assim entendemos o professor e o aluno.

Considerações Finais

Paulo Freire impõe aos docentes o desafio de vivência do magistério como elemento de luta e transformação. A educação revolucionária pode ser entendida como uma construção social e histórica da prática docente. Portanto, considerando os pressupostos teóricos defendidos por Paulo Freire, essa pesquisa teve como objetivo observar a relação acerca das contribuições do pedagogo brasileiro Paulo Freire para uma educação crítica a serviço da transformação social.

Diante desse contexto, é importante ressaltar que a obra *Pedagogia do Oprimido*, vai além da exposição de um método de alfabetização, é uma escrita viva e presente na realidade, aberta a crítica, que apresenta o desafio de mudar e buscar melhor a qualidade de vida, sempre na relação de parceria.

A pedagogia do oprimido é uma obra de esperança. Uma escrita feita a mão, no tempo do exílio, e, mesmo após décadas, preserva uma indiscutível atualidade.

A proposta apresentada por Freire dignifica o percurso existencial de cada pessoa. O legado Freiriano é reconhecido em todo o planeta. Ele foi e é reverenciado pela sua sensibilidade e pelo seu humanismo.

A educação na perspectiva Freiriana concebe a igualdade e a emancipação como necessárias ao processo de autonomia do cidadão. A aquisição do conhecimento implica em transformações individuais e coletivas. Paulo Freire pensou um método que gerasse crescimento intelectual e fortalecesse a sociedade no sentido da busca do bem comum. Uma sociedade mais igualitária e justa. Onde os cidadãos pudessem ler, escrever, pensar e agir no coletivo com cooperação.

Por fim, Paulo Freire foi um autor que dedicou suas obras na busca de uma sociedade melhor, sonhando com uma transformação possível, por meio do diálogo. Portanto, a obra *Pedagogia do Oprimido* vem contribuindo com as pesquisas freireanas e com a educação brasileira pautada na teoria Freire visando a transformação, para uma sociedade mais justa e democrática.

Em sua obra a importância do ato de ler: em três artigos que se completam, evidencia a necessidade de ensinar e aprender. Paulo Freire faz uma discussão acerca da importância e da compreensão crítica da alfabetização. Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. Paulo Freire ainda resalta que aprender a ler, a escrever, alfabetiza-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Já a terceira obra dos autores Souza, Ferraz e Souza (2020) faz uma discussão sobre “o exercício da docência revolucionária balizada em Paulo Freire, referência na formação docente, retratando saberes necessários para educadores na relação teórico-prática”. Diante desse contexto, os autores ressaltam que a educação revolucionária pode ser entendida como uma construção social e histórica da prática docente. Dessa forma, o diálogo, a autonomia e a conscientização crítica são consideradas como elementos fundamentais de transformação da prática pedagógica.

Concluindo estas reflexões, foi possível reiterar que a educação transforma primeiro a nós mesmos e depois o mundo. Portanto, a contribuição desta pesquisa consiste na defesa do diálogo freireano enquanto elemento necessário para o reconhecimento da diversidade, para o aprendizado e para um futuro melhor para todos e todas, além da possibilidade de transformação da educação.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. _____. 1º ed. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. _____. 49ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. _____. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época, v. 22).

_____. **Política e educação**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Porto: Afrontamento, 1975.

_____. _____. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. _____. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 184 p.

_____. _____. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. _____. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

SOUZA, N. Neila; SOUZA.D.M José; FERRAZ.P.N Elzimar. O legado de Paulo Freire para a educação. In: ____ **Educação numa perspectiva crítica**: pensar a docência revolucionária freireana. 66º. Ed. Brasília: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN, 2020. p. 88-99.

Recebido para publicação em outubro de 2023.

Aprovado para publicação em março de 2024.